

# **AFETIVIDADE, APRENDIZAGEM E AVALIAÇÃO: COMPLEMENTOS DA TECNOLOGIA NA EaD VIRTUAL**

Resende, 13 de maio de 2009

Miguel Carlos Damasco dos Santos

Associação Educacional Dom Bosco

[damasco@resenet.com.br](mailto:damasco@resenet.com.br)

Categoria: Métodos e Tecnologias

Setor Educacional: Educação Continuada em Geral

Natureza do Trabalho: Relatório de Pesquisa

Classe: Investigação Científica

## **AFETIVIDADE, APRENDIZAGEM E AVALIAÇÃO: COMPLEMENTOS DA TECNOLOGIA NA EaD VIRTUAL**

*Sentimentos e emoções influenciam a aprendizagem dos alunos e o trabalho dos professores em qualquer modalidade de ensino. Se a afetividade experimentada na relação professor-aluno contribui para o êxito da aprendizagem na modalidade presencial, imaginamos sua relevância num ambiente virtual, onde não existe presença física dos envolvidos no processo, podendo prejudicar a aprendizagem e a avaliação. Sem esgotar o assunto, pretendemos mostrar a importância do relacionamento afetivo no contexto do ensino via ciberespaço, um meio de comunicação muitos-para-muitos, que abrange de forma planetária a educação. A seguir, apresentamos as potencialidades de algumas teorias da aprendizagem que podem ser empregadas em aulas virtuais, possibilitando interatividade, colaboração e construção do conhecimento. Finalmente, destacamos como o processo avaliativo que pode ser transposto do ambiente presencial para o virtual, procurando equacionar as diferenças com o emprego de ferramentas tecnológicas. A inserção das novas tecnologias da informação na educação gerou a necessidade de criar outras formas e instrumentos avaliativos. Apesar de apresentar um resultado quantitativo, identificamos a existência de suportes tecnológicos que permitem interpretar informações e contextos mais qualitativos sobre o ensino. Procuramos apresentar as soluções existentes para o relacionamento afetivo, a aprendizagem e os processos avaliativos na educação a distância virtual contemporânea.*

**Palavras-chave:** Afetividade, aprendizagem, avaliação e educação a distância.

## Introdução

Muitos educadores enfatizam que a afetividade está nas interações sociais, influenciando no aspecto cognitivo do educando, e as decisões relacionadas ao ensino têm várias implicações afetivas no desenvolvimento do comportamento do aluno, impactando na sua aprendizagem. Segundo Wallon (1978), para construir a pessoa ou o seu conhecimento, o aspecto afetivo é o foco principal, pois a atividade emocional é ao mesmo tempo social e biológica. O seu vínculo com o ambiente social garante o acesso ao universo de sua cultura, acumulado pelo ser humano ao longo dos tempos.

Na sala de aula virtual o principal problema para que haja afetividade é a distância física entre os envolvidos no processo ensino-aprendizagem. O aluno pode se sentir isolado do contexto, tendo apenas o computador à sua frente. A procura da interatividade e do aprendizado colaborativo deve ser uma constante para ajudar o aluno a vencer os seus obstáculos.

Muitos cursos virtuais estão deixando a questão afetiva em segundo plano, priorizando os aspectos tecnológicos. Num curso que usa como plataforma o ciberespaço, cujos conceitos de tempo e de espaço se modificam, os aspectos qualitativos devem se sobrepor ao quantitativo, inclusive nas avaliações. Devemos buscar a personalização, respeitando o ritmo de cada aluno, suas perspectivas e aspirações através de ações motivadoras.

Com a inserção das novas tecnologias nas atividades de ensino, foi necessário reinterpretar o processo educacional com o intuito de criar novas formas e instrumentos mais adequados para todo o processo. Contudo, em muitos casos, as práticas avaliativas e de aprendizagem não mudaram com o emprego das tecnologias na sala de aula, seja ela presencial ou virtual. Um planejamento criterioso aliado a uma metodologia específica são providências essenciais na busca de resultados mais qualitativos na avaliação.

Se a afetividade está ligada ao aspecto cognitivo, e vice-versa, e o resultado da avaliação nos mostra se é o caso de uma correção de rumos no prosseguimento das atividades de ensino, nesta pesquisa verificamos a existência de ferramentas tecnológicas que dão suporte a essas questões em busca de êxito na educação a distância via ciberespaço.

## 1. Comportamento afetivo

Podemos notar que os relacionamentos de todos os envolvidos no cotidiano escolar revelam diferentes conhecimentos, habilidades de relacionamento interpessoal, conteúdos da cultura que são temporais, múltiplos e heterogêneos. Esses saberes são construídos no tempo, na socialização familiar, escolar, numa integração cognitiva e afetiva.

Devemos estabelecer relações de empatias com o outro ser humano, procurando entender e perceber seus sentimentos, intenções e mensagens. Tais características nos dão a possibilidade de um relacionamento pleno com os demais e melhor qualidade de vida. Para Benato (2001, p. 13), falar de afetividade é, “falar da essência da vida humana no sentido em que o ser humano, social por natureza, se relaciona e se vincula a outras pessoas desde sempre, sendo feliz e sofrendo em decorrência dessas interrelações.”

Nas escolas tradicionais a relação professor-aluno era vertical, na qual o professor detinha todo o saber e o educando apenas recebia este conhecimento pronto. O professor não fazia a menor questão de vivenciar com os seus alunos a aprendizagem, atuava sem qualquer tipo de expressão humana em relação ao aluno, prejudicando sua qualidade afetiva e produtiva em sala de aula. Com isto, o papel do educador fica comprometido com a construção do conhecimento dos educandos.

O professor precisa saber viabilizar exercícios de cooperação que sustentarão os próprios desenvolvimentos cognitivos, moral, social e afetivo dos discentes. Ele deve facilitar a veiculação de idéias, valores e princípios de vida ajudando a formar a personalidade de cada aluno. Conforme Paulo Freire (1996, p. 47): “às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar, na vida de um aluno, um simples gesto do professor”.

A afetividade comporta um conceito bem amplo, envolvendo vivências e expressões humanas mais complexas, com a apropriação dos sistemas culturais pelo indivíduo, mas tendo como origem as emoções. O educador deve transformar sua ação em objeto de reflexão, buscando assim, não só o avanço cognitivo, mas criando condições afetivas para o aluno estabelecer vínculos positivos com os conteúdos ensinados.

Os estudos marcados pelos determinantes sócio-culturais do educando têm possibilitado uma nova leitura de suas áreas afetivas e cognitivas, onde a interpretação de que o pensamento e sentimento se fundem, impede a análise isolada destas dimensões. Piaget (1978) questionou as teorias que tratavam a afetividade e a cognição de forma separada. Segundo ele, apesar de diferentes em sua natureza, eles são aspectos inseparáveis. Destacou que toda ação e pensamento comportam aspectos cognitivos, representados pelas estruturas mentais, aliados a aspectos afetivos representados pela afetividade.

Para estudiosos, o papel afetivo funciona como fonte de energia que a cognição utiliza para o funcionamento do intelecto. Todos os objetos de conhecimento são simultaneamente cognitivos e afetivos, e as pessoas são ao mesmo tempo objetos de conhecimento e de afeto. (ARANTES, 2008)

Vygotsky também estudou como as emoções se integravam ao funcionamento da mente, com participação ativa em sua configuração. “Reconhecendo as bases orgânicas sobre as quais as emoções humanas se desenvolvem, Vygotsky buscou no desenvolvimento da linguagem - sistema simbólico básico de todos os grupos humanos -, os elementos fundamentais para compreender as origens do psiquismo”. (Idem, 2008, s. p.)

Goleman (1996) já destacava a importância da motivação e da afetividade na aprendizagem dos alunos, mostrando como a vida mental é diretamente afetada pelos distúrbios emocionais, chamando “a atenção para a idéia bem conhecida de que alunos deprimidos, mal-humorados e ansiosos encontram maior dificuldade em aprender”. (JAQUES e VICARI, 2005, p. 6)

## **2. Teorias da aprendizagem**

Conforme acrescenta Demo (2000), não podemos reduzir a função da escola como um instrumento de mera transmissão de conhecimento, conservando o nosso aluno como subalterno e massa de manobra. O acesso ao saber através da autonomia do aluno é o desafio maior para criar cidadania capaz de mudar a história, manejando bem o conhecimento construído pelo próprio aluno e orientado e facilitado pelo professor.

Em muitas salas presenciais, os professores ainda são os detentores do saber e os transmitem para os alunos. Este tipo de aprendizagem tende

mais para a teoria Behaviorista, na qual a aprendizagem é um processo de armazenamento de informações, não considerando o que o que acontece no cérebro do ser humano durante todo o processo de aprendizagem. O aluno não é agente de sua aprendizagem, não busca informações para construção de conhecimentos e é um ser passivo, podendo ser visto como objeto.

“No início da EaD, a teoria de aprendizagem mais utilizada era a teoria behaviorista, que considera as respostas dos alunos sempre passíveis de serem reforçadas por algum sistema de premiação. Esta foi a época da hegemonia da “Instrução Programada” – sistema de auto-estudo com sua ênfase nos conteúdos, considerado o ápice da aplicação educacional behaviorista”. (REIS, 2008, p. 8)

Num curso de modalidade não presencial em nossos dias, cresce de importância a ação dos alunos, os quais devem participar ativamente da construção do seu próprio conhecimento com experiências e colaboração.

Na teoria de aprendizagem Construtivista o aprendiz é um ser ativo, possuidor de conhecimentos prévios sobre o assunto em estudo. Ele filtra e transforma a nova informação, infere hipóteses e toma decisões. O professor passa a ser mediador e orientador, devendo criar situações que favoreçam a aprendizagem, alimentando os desequilíbrios cognitivos do aluno. Sua metodologia de trabalho utiliza as ferramentas interativas disponibilizadas pelas novas tecnologias, que facilitam o desenvolvimento de trabalhos colaborativos.

Ao professor cabe, na teoria Cognitivista, a tarefa de motivar seu aluno, evitar a rotina, criar conflitos e liberá-lo para que ele chegue a sua própria conclusão. Já o aluno deve buscar, investigar, construir hipóteses sempre objetivando a solução dos problemas vivenciados, formando conhecimentos a partir de relações intra e interpessoais. Tal teoria contribui para subsidiar um resultado com sucesso num curso virtual à medida que a interação social se torna importante, aliada às discussões em grupo, as quais constituem importante técnica na produção do conhecimento. (STAUB, 2004)

Outra teoria que pode ser empregada no ensino virtual é a Sócio-interacionista, na qual várias relações do ambiente social mediarão a construção do conhecimento, sendo a aprendizagem um processo social que se realiza por meio das possibilidades criadas pelas mediações do sujeito e o contexto sócio-histórico que o rodeia. O professor é parceiro do aluno para

auxiliar no seu desenvolvimento, procurando utilizar instrumentos para intensificar a interação social com formas colaborativas. O aluno é agente dotado de potencialidades e características pessoais, estabelecendo relações sociais para a construção do seu próprio conhecimento. A cibereducação pode se fundamentar desta teoria empregando um ambiente de colaboração, no qual o professor possa incentivar o aprendizado dos seus alunos, ciente que os mesmos trazem consigo sua bagagem cultural e experiências de vida.

### **3. Avaliação: do real ao virtual**

Como conceito, a avaliação pode ser definida como um método contínuo, sistemático e integral, que tem como objetivo principal o acompanhamento do processo de ensino, tanto pelo professor como pelo aluno, medindo o grau de aprendizagem e construção de conhecimentos, verificando se os objetivos propostos estão sendo alcançados, orientando o caminho a seguir e indicando avanços e dificuldades encontradas, considerando sempre os aspectos afetivos e cognitivos (FRANCO, 2007).

Independente da modalidade de ensino, seja ela presencial ou à distância, as possibilidades acima citadas nos permitem tomar decisões balizadas para reorientar todo o planejamento inicial praticado até então.

“As novas tecnologias requerem e ao mesmo tempo induzem à elaboração de estratégias de aprendizagem diferenciadas, mas quando chega o momento da avaliação, retorna-se – por medo ou desconhecimento – às formas convencionais: prova escrita ou argüições presenciais com controle, atribuição de nota e julgamento. Tal fato nos remete a uma discussão sobre o conceito de avaliação”. (ASSIS, 2008, p. 2)

A avaliação diagnóstica pode ser usada nas duas modalidades de ensino, tanto na fase inicial e verificar o conhecimento prévio do aluno, como na fase de análise para ver até que ponto o ensino atendeu as expectativas.

Para saber se os conhecimentos estão sendo construídos gradativamente pelos alunos, sob forma de conceitos, habilidades e atitudes de maneira contínua, a avaliação formativa deve ser utilizada para servir de base sobre o resultado qualitativo do ensino e da aprendizagem. Tanto o professor como o aluno, podem se basear nas características reguladoras e informativas

desta avaliação para melhorar a qualidade do processo educacional, seja na forma de feedback sobre a ação pedagógica para o primeiro, seja para a tomada de consciência e correção de atitudes por parte do segundo.

As características da avaliação formativa se revestem de importância especial na educação a distância, pela não presença física de professores e alunos. Esta avaliação, se bem aplicada e utilizando as ferramentas corretas do ambiente virtual, pode ajudar a resolver os fatores negativos que surgirem, proporcionando recordações e estimulando o aluno na busca de conhecimentos na sua memória.

Dependendo do tipo de ambiente virtual de aprendizagem existem certas ferramentas que podem ajudar ao tutor/professor a fazer uma avaliação formativa de seus alunos. Essas ferramentas fornecem, por exemplo, a quantidade de acessos, o tempo despendido pelo aluno, a ordem de entrada, se o grau de interesse do aluno se mantém e o controle das atividades.

Para mostrar um resultado quantitativo dos conhecimentos adquiridos, seja qual for a modalidade de ensino, podemos aplicar a avaliação somativa, que tem caráter classificatório e apresenta o aproveitamento obtido ao se concluir o processo. É um tipo de avaliação bastante usado no ensino presencial como medida de aprendizagem pela facilidade de sua aplicação, mas muitos cursos virtuais exigem prova presencial para classificar os alunos.

No processo de avaliação da aprendizagem, um curso a distância deve criar situações interativas com ferramentas síncronas e assíncronas. A primeira permite a comunicação em tempo real entre os participantes, podendo ser empregada para obter respostas imediatas, sem dar tempo para a realização de uma consulta prévia. A segunda se faz necessária quando o tutor/professor desejar que o seu aluno pesquise e faça um estudo mais aprofundado sobre determinado tema, respeitando o seu ritmo. (FRANCO, 2007)

### **Considerações finais**

Pelo exposto, acreditamos que existem alguns pontos a considerar no que diz respeito da existência da afetividade numa sala de aula virtual. Entre elas destacamos a capacidade do professor em conhecer o emocional do aluno, suas frustrações e anseios, apesar da distância física entre ambos. O



educador deve proporcionar ao aluno um ambiente dinâmico e cooperativo, no qual as barreiras geográficas e de poder se dissolvem, deixando o aluno expressar suas emoções e opiniões sobre o assunto estudado.

Para que haja sucesso na busca do conhecimento nesse tipo de ambiente, a ação do tutor/professor vai além da orientação e pronta resposta, enquanto que a atitude do educando, inclusive nas suas relações com os outros alunos, deve ser ativa e colaborativa, tudo para favorecer a união de afeto e cognição. O acompanhamento dos docentes em todas as atividades dos alunos num curso virtual, com avisos importantes, correspondência eletrônica com lembretes, indicação dos erros e dos acertos nas avaliações, criação de oportunidades de colaboração, são algumas formas de proporcionar aproximação entre todos.

É lógico que muitos problemas ainda existem, mas a interatividade na educação a distância virtual é viável e existe graças ao aproveitamento das potencialidades de suas ferramentas tecnológicas disponíveis. As relações entre os alunos devem ser estimuladas através das ferramentas do tipo correio, fórum de discussão, mural, bate papo, entre outras, aproveitando estes espaços para expressarem suas opiniões e experiências, além da possibilidade de troca de outros endereços eletrônicos de artigos e de livros para leituras.

Agindo assim, todo o sucesso obtido pelo aluno na questão afetiva é utilizado no seu patamar cognitivo. A recíproca também é verdadeira, pois podemos perceber nesta pesquisa que a evolução da inteligência e da afetividade são integradas e interligadas durante todo processo educacional. Aproveitando a interdependência dos dois aspectos citados, o professor deve facilitar a veiculação de idéias, valores e princípios de vida, ajudando a formar a personalidade de cada aluno. A educação via ciberespaço apresenta ferramentas síncronas e assíncronas que favorecem essas ações, mas aumenta de importância a busca pelo ensino personalizado, o conhecimento de cada aluno em particular, principalmente no que se refere à avaliação.

As teorias Construtivista, Construcionista e Sócio-interacionista são as que melhor se adaptam para ambientes virtuais de aprendizagem na cibereducação, tais como o TelEduc ou o Moodle, que possuem ferramentas que podem ser usadas de formas variadas para construir conhecimento com afetividade, interatividade, cognição e qualquer tipo de avaliação antes citado.

Concluindo, as ferramentas tecnológicas existentes são suportes para ajudar os processos de relacionamento, de aprendizagem e de avaliação na crescente educação a distância virtual. Se a cibereducação superar as dificuldades ainda existentes, empregando cada vez mais atitudes que promovam a afetividade, interatividade e colaboração, poderemos atingir uma melhoria significativa tão necessária para a educação contemporânea.

### Referências bibliográficas

- ARANTES, Valéria Amorim. *Afetividade e Cognição*. Disponível em: <http://www.hottopos.com/videtur23/valeria.htm>. Acesso em: 01 mai 2008.
- ASSIS, Maria Paulina de. *Estratégias de Avaliação em Ambientes Virtuais de Aprendizagem: um estudo sobre o uso das Inteligências Múltiplas*. Disponível em: <http://lilianebarros.com/artigos/paulina.pdf>. Acesso em: 05 mai 2008.
- BENATO, Adrianna Fabiani. *Afetividade no processo de aprendizagem*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2001.
- DEMO, Pedro. Introdução. *Conhecer e aprender: sabedoria dos limites e desafios*. Porto Alegre: ArtMed, 2000.
- FRANCO, Lúcia R. H. Rodrigues. *Avaliação no Ambiente TelEduc*. Livro Digital. Curso de Design Instrucional para EaD Virtual. Itajubá: UNIFEI, 2007.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- GOLEMAN, Daniel - *Inteligência emocional*. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 1996.
- JAQUES, Patrícia Augustin; VICARI, Rosa Maria. *Estado da Arte em Ambientes Inteligentes de Aprendizagem que Consideram a Afetividade do Aluno*. Porto Alegre: UFGS, 2005.
- PIAGET, J. *O nascimento da inteligência na criança*. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- REIS, Izabella S. C. Leal. *Avaliação e o processo de ensino aprendizagem on-line*. 12º Congresso Internacional de Educação a Distância. Florianópolis. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/054tcf3.pdf>. Acesso em: 30 mai 2008.
- STAUB, Ana Lúcia Portella. *Teorias da Aprendizagem*. Textos. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/tramse/med/textos/2004\\_08\\_04\\_tex.htm](http://www.ufrgs.br/tramse/med/textos/2004_08_04_tex.htm). Publicado em: 04 ago 2004.
- WALLON, H. *Do acto ao pensamento*. Lisboa: Moraes Editores, 1978.